



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS COM HABILITAÇÃO PLENA EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

DÉBORAH CORREIA NUNES LUCENA

**A biblioteca como espaço de formação do leitor
literário: um estudo de caso e uma proposta**

CAMPINA GRANDE – PB

2013

DÉBORAH CORREIA NUNES LUCENA

A biblioteca como espaço de formação do leitor literário: um estudo de caso e uma proposta.

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras com habilitação plena em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação plena em Língua Portuguesa.

**Orientadora: Dra.
KalinaNaroGuimarães**

CAMPINA GRANDE – PB

2013

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L935b Lucena, Déborah Correia Nunes.
A biblioteca como espaço de formação do leitor literário
[manuscrito] : um estudo de caso e uma proposta / Déborah Correia
Nunes Lucena. - 2013.
27 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.
"Orientação: Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães, Departamento
de Letras".

1. Leitura. 2. Ensino de Literatura. 3. Biblioteca Escolar. I.
Título.

21. ed. CDD 372.41

DÉBORAH CORREIA NUNES LUCENA

**A biblioteca como espaço de formação do leitor literário:
um estudo de caso e uma proposta.**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras com habilitação plena em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação plena em Língua Portuguesa.

Aprovado em 20 / 02 / 2014.

Kalina Naro Guimarães (9.0)

Prof.ª Dr.ª Kalina Naro Guimarães / UEPB

Orientadora

Diógenes André Vieira Maciel (9.0)

Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel / UEPB

Examinador

Adalberto Teixeira Rodrigues 9.0

Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues / UEPB

Examinador

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Gilvanira e Josino por toda dedicação e cuidado durante toda a minha vida, por nunca ter medido esforços para proporcionar o melhor a mim e aos meus irmãos. Quero dar a vocês o meu muito obrigada, por tudo o que hoje sou, em especial ao meu pai, que mesmo não estando mais aqui para compartilhar comigo esta vitória, foi a base e o alicerce para que eu pudesse chegar até aqui, à minha mãe pelo seu amor incondicional a mim dedicado, por todo o seu esforço e por nunca hesitar em dar-me o seu melhor.

Aos meus irmãos Hélia, Manoel, Míriam, Ana Maria, Gilvany, Maria do Socorro, Maria de Lourdes e Josilene, pelo amor, carinho e confiança. Vocês são os meus tesouros, saibam que esta vitória é nossa.

Ao meu esposo (Luciano) por toda a sua paciência, em todas as vezes que troquei a sua companhia pelas páginas de um livro. Por todo o seu amor e dedicação, e por não medir esforços para me dar o seu melhor. Estou muito feliz em compartilhar mais essa vitória ao seu lado. Te amo!

AGRADECIMENTOS

A Deus por cada vitória alcançada em minha vida e por ter permitido que eu chegasse até aqui, comandando e direcionando os meus passos e me levando além do que posso idealizar. Chego ao final com a certeza de dever cumprido. Muito obrigada por todas as vezes que o Senhor sussurrou em meus ouvidos: “Não Temas que eu estou contigo”.

À minha orientadora e professora Kalina Naro Guimarães, pela confiança em mim depositada, por sua amizade, paciência e solicitude. Fica a minha admiração e respeito pela profissional e pessoa que és.

A todos que se fizeram meus colegas durante o período do curso, em especial a Claudia Janaína e Wiliana Borges, que foram minhas amigas e companheiras de todas as horas.

A todos os professores que compartilharam seus conhecimentos durante o curso em cada disciplina ministrada.

Ao professor Ricardo Soares pela amizade e apoio na minha formação acadêmica, e por conceder-me a primeira experiência como monitora em sua disciplina, dividindo suas experiências e conhecimento.

Ao professor Diógenes Maciel pelas aulas fascinantes, pois foi a partir das suas excelentes aulas que me tornei amante da literatura.

A todos que acompanharam essa trajetória e que contribuíram de alguma forma para a concretização desse sonho. Em especial às minhas sobrinhas irmãs, Talita e Amanda, por todo carinho, amor e dedicação.

Às minhas amigas Michelle, Virgínia e Paula porque são presentes de Deus na minha vida, obrigada por serem as melhores amigas que eu poderia ter.

A todos os colegas de sala, pelos momentos de amizade e estresse que tivemos. Percorremos um longo trajeto, e a partir de agora cada um trilhará seu caminho. Que Deus nos abençoe! Sucesso a todos!

Um livro é um brinquedo feito com letras. Ler é brincar.

(Rubem Alves)

A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: UM ESTUDO DE CASO E UMA PROPOSTA.

LUCENA, Déborah Correia Nunes¹
Universidade Estadual da Paraíba²

RESUMO

O trabalho tem como objetivo, por um lado, problematizar, nas práticas escolares de leitura literária, o não uso da biblioteca; por outro, construir propostas para a formação do leitor a partir de práticas pedagógicas centradas no uso efetivo desse espaço. É sabido que o estudante de nosso país tem pouco contato com os livros de literatura. Embora, para alguns brasileiros, a escola signifique ter acesso à leitura, o ensino de literatura não tem alcançado plenamente seus objetivos essenciais: despertar o gosto pela leitura e formar alunos leitores, sujeitos autônomos e capazes de fazerem suas próprias escolhas literárias. Isso aponta para a necessidade de se redefinir o papel do ensino de literatura na disciplina de língua portuguesa, bem como discutir a falta de acesso ao acervo e o uso das bibliotecas escolares pelos alunos. Sobre essa última discussão, foi necessário acompanharmos o cotidiano de uma escola estadual da cidade de Campina Grande, observando, durante um ano e meio, o trabalho feito com a leitura literária. Ficou evidente que não havia incentivos à leitura por parte da escola; a biblioteca, apesar de possuir um acervo rico, funcionava como um depósito de livros trancados em estantes de aço, e apenas os livros didáticos estavam ao alcance dos frequentadores. Contrapondo-nos às práticas observadas, finalizamos o artigo com uma proposta de trabalho com a leitura literária, por meio da leitura de crônicas, utilizando a biblioteca como espaço indispensável para o incentivo e a formação de leitores.

Palavras-Chave: Leitor Literário. Ensino de Literatura. Biblioteca escolar.

1. INTRODUÇÃO

A leitura de literatura na escola foi marcada no século passado pelas intenções educacionais nacionalistas, servindo como instrumento para a

¹ deborahh27@hotmail.com

² Graduação em Letras com habilitação em língua portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba.

formação do cidadão e para a formação do leitor, este, domesticado pelos dogmas nacionalistas. Nessa época, segundo Lajolo (1982, p.13), a carência de livros acadêmicos contribuiu para o diminuto campo de pesquisas sobre literatura na sala de aula. Boa parte dos textos literários apresentados na escola já não tinha mais tanto valor estético, uma vez que pregavam o autoritarismo do governo vigente, assim como os manuais didáticos eram verdadeiros “manuais de instrução” de como viver nessa época.

Atualmente, apesar de o estudo de literatura ter novos objetivos, o interesse de focalizar as obras por um viés utilitário e reprodutivo não mudou: antes, a abordagem do literário servia para formar nacionalistas e defensores da ordem e dos valores morais; hoje, não raro, serve como meio para passar no vestibular, para aprender gramática ou conhecer certo contexto histórico.

Por outro lado, a escassez de práticas de leituras literárias na escola faz com que os alunos sintam, a cada dia, mais dificuldade de lidar com a literatura como objeto artístico, sendo a abordagem literária imposta, muitas vezes, apenas para a obtenção de notas e para o ingresso na universidade. Quando os professores não são leitores, eles, nem sempre, incentivam a leitura entre seus alunos, prejudicando, assim, a frequência das visitas à biblioteca, tornando esse espaço pouco visitado pelos alunos e visto por eles como um lugar de aborrecimento e de castigo. Vários são os fatores que contribuem para a resistência dos alunos em relação à leitura literária e para o descaso em relação ao ensino de literatura e à biblioteca escolar, o fato de o professor não ser leitor é apenas um deles, mas, talvez, este seja o maior problema.

É fundamental que a leitura literária seja abordada na escola, tendo como meta a compreensão do texto e a promoção da experiência literária pelo leitor. Contudo, não é essa a realidade vivenciada pelos alunos, uma vez que a literatura é abordada por meio de esquemas, resumos, roteiros prontos com intenção de contemplar conteúdos para o vestibular.

Através de observações, durante o período de dezoito meses, sobre as práticas de leitura desenvolvidas em uma escola estadual da cidade de Campina Grande, pudemos observar a falta de interesse com a leitura, tanto do

corpo docente quanto da escola em geral, desencadeando o não uso do acervo de livros que a instituição possuía. Também fora observado a falta de interesse dos alunos pela leitura literária, uma vez que eles não tinham acesso à biblioteca escolar. Diante disso, nosso trabalho reflete sobre as práticas escolares de leitura literária, enfatizando o não uso da biblioteca. Por fim, o texto apresenta uma proposta de trabalho com a leitura literária, que para a realização do trabalho, elegemos a leitura de crônicas por se tratar de um texto com linguagem mais próxima do cotidiano dos estudantes. A proposta também tem como fim a utilização efetiva do espaço destinado à biblioteca.

2. CRIAÇÃO DE MUNDOS POR MEIO DA LITERATURA

A literatura abre novos modos de ler o mundo e pode desempenhar também o papel de tematizar conhecimentos e a cultura de uma comunidade. Contudo, a leitura já foi considerada como corporificação do demônio. A respeito disso, Zilberman (2001, p.20) comenta a história “O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha”, de Miguel de Cervantes, na qual o autor criou sua imortal personagem no ano de 1605. A obra fala de um Fidalgo espanhol chamado Alfonso Quejana que vivia da renda de suas terras, porém não era rico. Preferia ler livros de cavalaria a participar das festas promovidas pela sociedade. O personagem tinha um apreço tão grande pelos livros e pela leitura, que chegava a vender suas terras para comprar novas obras. Diante dessa fascinação pela leitura, o narrador relata que o fidalgo passava noites em claro lendo os livros de cavalaria, e, por ler muito e dormir pouco, seu cérebro secou e, em seguida, veio a “perder o juízo”. Por fim, Alfonso troca sua identidade de proprietário de terras para assumir-se como Dom Quixote, o cavaleiro andante. Ainda hoje a nossa cultura relembra um pouco dessa história, quando as pessoas proferem: “Essa menina estuda tanto que vai acabar ficando louca”.

A partir dessa narrativa, vemos a leitura como responsável por criar um mundo paralelo, ideal, quando Dom Quixote deixa sua identidade de fidalgo e passa a tomar outra identidade para si, adquirida através do excesso de leitura,

levando o indivíduo à ruína. Aqui, a visão sobre a leitura é a de que está se vivendo em um tempo “moderno”, o que antes era acabado e fechado, sem restrições ou sem possibilidade de dúbias interpretações, passará a ser, a partir de Dom Quixote de La Mancha, aberto, problemático e grotesco.

Nas primeiras décadas da Modernidade, expande-se a tipografia, e, com isso, aumenta-se consideravelmente o número de leitores. Segundo Zilberman (2001), a leitura passa a ser encarada com maus olhos pelas classes dominantes, já que a partir desse período o livro, assim como o conhecimento, não é mais propriedade apenas dos letrados e sacerdotes, mas também da sociedade da época.

Percebemos que ambos os contextos sugerem uma ideia de utopia, pois vemos a leitura como possibilidade de transformar a realidade a partir de um olhar mais crítico advindo do contato com o mundo dos livros.

Atualmente, sabemos que a leitura é uma atividade de grande relevância, pois ela possibilita ao sujeito inserir-se criticamente nas mais diversas práticas sociais. Nesse sentido, compreendemos que a escola deve ter o compromisso de possibilitar aos alunos o acesso à leitura, pois grande parte da população não tem acesso à palavra escrita fora dos muros escolares.

3. LEITURA LITERÁRIA: UM DIREITO DE TODOS

Até pouco tempo atrás, a literatura gozava de *status* privilegiado em relação às outras disciplinas e, de tão valorizada, chegou a ser tomada como sinal distintivo de cultura. Embora os textos literários muitas vezes servissem como objeto de culto do “bem escrever”, ou como um suporte para análises sintáticas e morfológicas, o valor da literatura era inquestionável (OCEM, 2006). Entretanto, lamentavelmente, a literatura hoje em dia tem sido vista por muitos como uma disciplina sem muita importância, e que deveria, inclusive, ser abolida da escola.

Para as OCEM (2006), o texto literário tem como uma de suas marcas principais a transgressão. A literatura serve como um grande agenciador do

amadurecimento sensível do aluno, pois, através da leitura de textos ficcionais, os alunos podem penetrar nos problemas reais da vida, partindo para um exercício de reflexão sobre os problemas que existem na sociedade, pois “a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo” (COSSON, 2006, p. 16).

Através dessa experiência literária, na qual se é permitido saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência, o leitor torna-se um ser mais crítico, humanizado e mais consciente do seu papel como sujeito histórico. Diferentemente do que acontece com os textos não literários, que oferecem ao leitor, geralmente, informações imediatas e restritivas, deixando pouca margem para outras interpretações, os textos literários são considerados por excelência textos polissêmicos, revelando-se ao leitor como um campo de liberdade, permitindo sempre mais de uma interpretação, pois cada leitor reage de forma diferente a um mesmo texto. Para Borges *apud* OCEM (2006, p.65):

Fechado, um livro é literal e geometricamente um volume, uma coisa entre outras. Quando um livro é aberto e se encontra com seu leitor, então ocorre o fato estético. Deve-se acrescentar que um mesmo livro muda em relação a um mesmo leitor, já que mudamos tanto.

Apesar de o texto literário ser polifônico, a este não se pode impor qualquer leitura e o professor deve agir como um mediador das muitas possibilidades de interpretação do texto, pois, segundo Umberto Eco (*apud* OCEM, 2006), deve existir um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação, não se podendo aceitar toda e qualquer leitura.

Apesar de a literatura ser importante na formação do homem (CANDIDO, 1995), além de ser fundamental para o desenvolvimento crítico do indivíduo, a escola não vem cumprindo sua função de construir condições para formar leitores literários proficientes, já que em boa parte das escolas é feito um trabalho pouco centrado na leitura de textos literários, privilegiando o ensino de gramática, questões históricas e o estudo das formas literárias.

Esta abordagem compromete a perspectiva que vê a leitura literária como peça fundamental para o desenvolvimento crítico do indivíduo. Todavia, a literatura promove esse desenvolvimento de um modo peculiar, pois não o faz

ensinando deliberadamente ou oferecendo uma verdade única, conforme afirma Antonio Candido (1995).

A literatura é importante na construção de uma sociedade, faz parte da sua cultura, expressa e transgride pensamentos da época, e até influencia a visão que temos do mundo. Sendo assim, podemos afirmar que literatura é uma grande fonte de conhecimentos. Temas sociais são frequentemente utilizados e o pobre aparece cada vez mais nas obras, conforme Antonio Candido (1995). Ele cita como o livro mais característico do humanitarismo romântico “Os miseráveis”, de Victor Hugo, cujo tema gira em torno da pobreza e dos problemas sociais. Mais adiante o autor afirma:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (CANDIDO, 1995, p.175).

Para Candido (1995, p.174), a “Literatura de maneira ampla pode ser considerada todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, sendo encontrada desde folclore e lendas até as formas mais complexas de escrita.” Dessa maneira, encontramos as formas literárias em diversos momentos do nosso cotidiano como, por exemplo, em novelas, filmes ou em romances. Destarte, a literatura passa a ser um direito do cidadão, pois ela, sendo desejo e necessidade humana, deve ser fruída por todos, conforme Candido.

O autor ainda ressalta que a literatura está diretamente ligada à humanização, que é um processo que confirma no homem traços essenciais como a reflexão, aquisição do saber, o cultivo do humor, a solidariedade, entre outros. Trazendo tantos “benefícios”, Candido assegura que a literatura é um direito universal, sendo necessária uma sociedade igualitária, com a resolução de problemas sociais que são tão visíveis em nossa sociedade, principalmente em relação à leitura de literatura nas escolas, para que, de fato, todos possam ter acesso à literatura.

4. PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA O TRABALHO COM A LITERATURA NA ESCOLA

Segundo Bordini e Aguiar (1993), para que a escola constitua um ensino eficaz da leitura da obra literária, é preciso que ela cumpra com alguns requisitos, como prover de uma biblioteca que ofereça uma área de literatura bem aparelhada, com bibliotecários que promovam a leitura das obras, projetos voltados ao incentivo da leitura literária, e, o mais importante, professores leitores com uma boa fundamentação teórica e metodológica: “Além de mediador de leitura, portanto leitor especializado, também se requer do professor um conhecimento mais especializado, no âmbito da teoria literária” (OCEM, 2006, p. 75).

A palavra *estímulo* tem sido um termo constantemente presente nos discursos educativos. Cabe à escola incentivar a leitura e formar leitores críticos, mas devido ao fato desse objetivo não vir obtendo o êxito esperado, têm aparecido diferentes hipóteses para justificar esse “fracasso”.

“A prática escolar em relação à leitura literária tem sido a de desconsiderar a leitura propriamente e privilegiar atividades de *metaleitura*” (OCEM, 2008, p.70). A respeito disso, Helder Pinheiro (2012) afirma que a *metaleitura* vem junto com a leitura, ou seja, a ação de compreender o texto exige conhecimentos específicos dados pela *metaleitura*, mas infelizmente não é o que vem acontecendo no âmbito das aulas de literatura. Os livros didáticos priorizam o ensino de estilos de época e sua ordem cronológica, em vez de se deterem nos textos literários, a partir dessa prioridade dos livros didáticos, os alunos deixam de refletir sobre os acontecimentos presentes na história e de compartilharem suas impressões de leitura com os seus colegas e o professor.

Quanto à avaliação, segundo Cosson (2006), ela serve para que o professor compreenda os avanços e as dificuldades que os alunos apresentam, para poder ajudá-los, ampliando seus conhecimentos e os fazendo superar suas dificuldades. Nesse processo, o professor deve acompanhar, através de algum registro feito pelo aluno, o desenvolvimento da leitura e interpretação, a fim de que o oriente e busque corrigir o que não deu certo na formação do leitor proficiente.

A escolha das obras tem papel fundamental na formação de leitores, sendo o professor o intermediário entre o texto e o aluno, pois, no âmbito escolar, cabe, sobretudo, ao docente escolher os textos que os alunos irão ler. Mas, infelizmente, muitos professores ainda se pautam apenas nos livros didáticos na hora de escolher o que deve ou não ser lido, e, por mais que seja claro que o livro didático não deva ser descartado, o professor não deve ficar limitado a ele.

Segundo as OCEM (2006), deve-se privilegiar no ensino médio a Literatura brasileira, mas não apenas as obras da tradição literária, pois é preciso incluir no currículo obras contemporâneas, assim como obras de outras nacionalidades, quando necessário. Também é desejável que se adote uma perspectiva multicultural, em que a Literatura obtenha a parceria de outras áreas do conhecimento, sobretudo as artes plásticas e o cinema.

Mostrar aos alunos os diálogos existentes entre os textos literários e as diferentes manifestações artísticas gera uma valorização da literatura, que deixa de ser um conjunto de palavras mortas e passa a ser um importante agente no desenvolvimento de cidadãos realmente ativos na sociedade, além de oferecer fruição e conhecimento.

Também é preciso que o professor, ao escolher os textos a serem lidos por seus alunos, leve em conta a faixa etária e o contexto em que estes estão inseridos, pois, para que o aluno desfrute de uma experiência literária prazerosa, ele deve se sentir representado nos textos que lê para poder atribuir sentidos à sua leitura. Para Jouve (2002, p. 138), “Se a leitura tem impacto no leitor, é porque ela relaciona o universo do sujeito com o do texto. O leitor, ao reagir positiva ou negativamente a essa experiência, sai dela inevitavelmente transformado”.

Bordini e Aguiar (1988) defendem o método recepcional, elaborado por teóricos alemães da Escola de Constança. Esse método, segundo as autoras, ainda é estranho às escolas brasileiras, que não demonstram preocupação com o ponto de vista do leitor. O método recepcional entende o processo da leitura como uma interação entre autor e leitor, pois, devido ao vazio deixado no texto através do que foi silenciado, o leitor é forçado a preenchê-lo,

interferindo de forma criativa no texto, e, assim, dialogando com ele. Cinco são as etapas que constituem o método recepcional: *determinação do horizonte expectativas; atendimento do horizonte de expectativas; ruptura do horizonte de expectativas; questionamento do horizonte de expectativas e ampliação do horizonte de expectativas.*

A primeira etapa é a chamada *determinação do horizonte de expectativas*, que consiste no levantamento feito pelo professor em relação às preferências dos seus alunos, os valores por eles defendidos, e seus interesses na área de literatura, com o fim de planejar estratégias que consigam romper com o horizonte de expectativa dos mesmos.

A segunda etapa, denominada de *atendimento do horizonte de expectativas*, tem como proposta satisfazer a necessidade dos alunos através da experiência com textos literários que agradam ou que correspondem à expectativa deles, visto que anteriormente foi feito pelo professor um levantamento de suas preferências a respeito da literatura.

A próxima etapa é a de *ruptura do horizonte de expectativas*, que defende a introdução de textos que rompem com o que o aluno esperava ou já estava acostumado, tanto em relação a textos literários como relacionado à vivência cultural. A intenção é a de que o aluno perceba que está sendo introduzido em um ambiente desconhecido, mas sem se sentir inseguro e com isso acabar rejeitando a nova experiência.

A quarta etapa, a de *questionamento do horizonte de expectativa*, é resultado da experiência com a etapa anterior. Os próprios alunos devem reconhecer que alguns textos exigem um nível maior de reflexão, e perceber que compreender alguns dos sentidos existentes nesses textos traz um grau de satisfação. Espera-se, portanto, que o leitor passe a admirar esse tipo de texto considerado “mais difícil”.

Por fim, a quinta e última etapa do método recepcional é a *ampliação do horizonte de expectativas*. Neste momento, o professor deve levar os alunos a perceber que a leitura não consiste apenas em uma atividade escolar, mas em uma atividade que lhes proporciona uma visão crítica do mundo. Assim, mais exigentes, os alunos irão buscar novos textos que atendam às suas expectativas, que foram ampliadas através da leitura.

Sendo assim, embora saibamos que não existe nenhum modelo pronto a ser seguido e que possa ser aplicado de forma única em todas as escolas, podemos tomar o método recepcional como um bom parâmetro para o planejamento da leitura literária. Através dele, pode ser possível construirmos uma proposta de trabalho comprometida com a formação de leitores na escola, constituindo, nesse processo, cidadãos conscientes e críticos de seu papel na sociedade.

5. PROPOSTA DE TRABALHO COM A LEITURA LITERÁRIA NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Para se falar de biblioteca escolar como espaço que forma cidadãos é preciso, primeiramente, falar dela como espaço físico e entender de que maneira os professores a veem. A biblioteca é um setor da escola cuidado por um profissional que, além de administrar, organizar e conservar atualizada a sua coleção, também desempenha papel de mediador, orientando os estudantes na escolha dos livros, dando apoio ao trabalho dos professores, enfim, criando um espaço acolhedor para que os usuários explorem com segurança o conhecimento disponibilizado nas fontes de informação contidas nela. Não obstante, para alguns professores, essa visão pode ser utópica, uma vez que muitos convivem com uma biblioteca improvisada, sem nenhuma atualização no acervo, com livros amontoados e desorganizados, pois, muitas vezes, o profissional posto a desempenhar a função de bibliotecário não tem qualificação na área. Além disso, em boa parte das escolas da rede pública, a biblioteca encontra-se fechada, servindo de mero depósito de livros, geralmente didáticos. .

Inserida por um ano e meio numa escola pública mediante o programa MAIS EDUCAÇÃO, no qual exercia a função de professora da oficina de letramento, pude observar, através de conversas informais com alunos, que quase não era explorada a leitura literária em sala de aula e também fora dela por parte dos professores de Língua portuguesa. A partir desse diagnóstico, como professora de língua portuguesa, comecei a trabalhar com esses alunos

os mais diversos textos literários. Além disso, considerando a rotina escolar, percebemos que não havia incentivos à leitura literária. A escola era composta por turmas do Fundamental II, e a evasão escolar era imensa. Contudo, mesmo com turmas pequenas, sempre com poucos alunos, os professores pareciam que não se esforçavam para trabalhar textos literários adequadamente.

Caracterizando a escola, podemos dizer que ela é um lugar de grande importância na vida dos discentes, pois é neste espaço que é compartilhado o conhecimento. Porém, a metodologia utilizada para isso é quase sempre mecanicista, pois não leva os alunos a refletirem sobre o mundo, mas a aceitá-lo, conformando-se com o que está sendo imposto como verdade única. A exemplo da maioria das instituições públicas, a escola dispõe de uma biblioteca em precárias condições físicas e de acervo desatualizado, tendo em seu espaço pouca utilização pedagógica. Diversos são os fatores pelos quais não há quase utilização da biblioteca escolar, entre eles: a falta de profissionais capacitados disponíveis para prestar o serviço de apoio em tempo integral na escola, a falta de limpeza do ambiente, acervo desatualizado e com poucos exemplares, ausência de projetos de leitura que funcionem realmente, entre outros aspectos. Apesar de, na porta, haver o nome “biblioteca” ou “Sala de Leitura” indicando esse espaço, ele não passa de uma sala que é utilizada para assistir vídeos, reunir alunos que saem da sala de aula por maus comportamentos, enquanto o acervo é quase ignorado pelos frequentadores.

Com relação ao trabalho com a leitura literária, a escola até que apresentou um projeto sobre essa importante questão intitulado: “Cardápio de Leitura: Ler e escrever compromisso da escola”. O documento previa “elevar o desempenho escolar dos alunos no contexto da leitura e escrita; contribuir para ampliação da leitura; estimular interesse pela leitura; expandir os temas abordados nos livros didáticos através das leituras de literatura; interagir com os colegas através da contação e dramatização de histórias”. Contudo, ele pouco saiu do papel, pois desde a metodologia, que prometia estudar a leitura de acordo com o interesse dos alunos, até a avaliação, que aconteceria de forma dinâmica, nada disso fora realizado conforme o previsto naquele

documento. A leitura, por exemplo, era “passada” para o aluno alguns dias e, às vezes, até horas antes da “culminância” do trabalho – várias vezes, chegamos à escola e, de repente, a diretora nos entregava uma peça teatral enorme, que, até então, nunca tínhamos lido, e nos mandava ensaiar para apresentá-la três ou até cinco horas depois. Não era possível, nessas condições, trabalharmos a peça com acuidade, discutindo tantos outros requisitos importantes à compreensão da obra pelos alunos, com o fim de que, antes de representá-la, eles soubessem o que significava a peça.

Sabemos que a leitura é muito importante para uma inserção social crítica e para o crescimento cognitivo, além de, a partir dela, termos mais facilidade na hora de escrever e se comunicar. Muitos brasileiros concordam com isso, mas pouquíssimos costumam ler de fato. Neste ponto, o espaço da biblioteca, se bem utilizado, poderá fazer a diferença na vida de muitos alunos, tornando-se uma grande ferramenta para o desenvolvimento intelectual do discente. Convém, portanto, que os estudantes sejam atraídos pelos professores até esse ambiente de aprendizagem, para colocar à disposição desses usuários materiais do seu interesse, possibilitando-os acesso a livros e interação com outros ambientes que coexistem dentro da biblioteca, como o computador, a internet e outras artes que estabelecem o diálogo com o literário, com a cultura escrita.

A verdade é que, para funcionar como um espaço que ofereça oportunidades de aprendizagem, a biblioteca precisa ser construída por aqueles que querem utilizá-la; ou seja, os professores que têm a disposição e vontade de usar a biblioteca, mas não podem por algum motivo, devem juntar-se aos alunos e/ou a funcionários que queiram ajudar a transformar e organizar este espaço tornando possível o seu uso efetivo. A ideia da biblioteca como espaço de aprendizagem está ligada não só à noção de que os alunos podem aprender na biblioteca, mas aprender com ela.

Conforme relatamos, não adianta ter projetos e estes não saírem do papel. Para que os alunos possam ter acesso e aprender com a biblioteca, é preciso construir trabalhos voltados à leitura literária. Nessa perspectiva,

apresentaremos uma sugestão de trabalho com a leitura na escola, tentando inserir a biblioteca escolar como espaço de uso efetivo com o qual os alunos despertem o gosto pela leitura, fazendo suas próprias escolhas literárias.

Justificativa

A proposta de trabalho com a leitura na biblioteca surgiu a partir da vivência escolar e da constatação da ausência de trabalho com a leitura. Através de nossas observações, foram identificadas algumas necessidades dos alunos relacionadas à sua formação literária e cultural, as quais procuramos satisfazer com algumas de nossas ações.

Diante disso, despertou-nos o interesse de realizar um plano de atividades que proporcionasse o crescimento intelectual dos alunos, e não apenas os preparasse para a disputa do vestibular e do mercado de trabalho. Assim, por meio de leitura, análise, discussão e apreciação de textos literários, músicas, e manifestações artísticas em geral, pretendemos devolver um trabalho mais amplo de leitura na escola, focando a aprendizagem do ato de ler literatura como fonte de conhecimento, prazer e entretenimento.

O gênero escolhido para ser trabalhado foi a crônica, por ser considerado um gênero leve, que oferece um contato mais direto com o leitor, bem como porque este gênero era bastante contemplado no acervo da biblioteca.

Muitos são os objetivos de nossa proposta de trabalho. Contudo, alguns merecem destaque. São eles:

- Compreender a funcionalidade da crônica na sociedade,
- Despertando o interesse dos alunos pela leitura;
- Traçar condições para que os alunos construam uma nova visão de mundo, quebrando as paredes culturais em que eles estão inseridos;
- Prover atividades para o uso efetivo do espaço da biblioteca escolar, aprimorando a competência de leitura e interpretação de textos;

- Desenvolver a escrita e a oralidade; construir leitores que despertem o gosto pela leitura e que saibam escolher seus próprios textos;
- Aprimorar a argumentação através de debates;
- Compreender as semelhanças e diferenças existentes entre os diversos meios culturais.

O trabalho foi inspirado em metodologias diferentes das que os alunos estão habituados em sala de aula, fazendo uso de um projeto de leitura que tem a crônica como objeto de leitura e estudo, a partir do cotidiano do aluno. De modo geral, empregaremos atividades de leitura e discussão coletiva, a fim de desenvolver a capacidade intelectual dos alunos, através da fruição da leitura de textos literários, bem como debates, músicas, dramatizações entre outros.

Estratégias de leitura serão empregadas no momento em que os educandos forem ler os textos. Isso evitará que a leitura se torne enfadonha e demorada, principalmente, porque boa parte deles não está acostumada a este tipo de leitura no ensino regular. Quando os alunos lêem é por exigência do professor, o que acaba os distanciando do prazer que a leitura proporciona. Faremos com que os estudantes constatem que uma obra literária guarda relações com o contexto social em que foi criada, podendo retratar, concordar e/ou criticar a sociedade.

Os alunos precisam de estímulo à participação, por isso, os instigaremos a falarem nas discussões, a exporem sua opinião com bons argumentos, e a refletirem e criticarem, negativo ou positivamente, os acontecimentos e fatos que os cercam.

Levaremos os alunos a investigarem manifestações com as quais tenham o mínimo de contato, a partir de um trabalho “lúdico” com o texto literário. Para isso, é preciso, primeiramente, colocar os alunos em contato com as obras. No entanto, é evidente que está cada vez mais difícil atrair a atenção do jovem para a leitura fora do virtual, como também desenvolver e manter o hábito e o prazer da leitura. Para tanto, se faz necessária a produção de projetos eficazes que atraiam os discentes pela leitura não só na juventude,

mas que esse interesse perdure até a fase adulta. Finalizados esses apontamentos, apresentaremos, a partir de agora, o nosso projeto.

. Tomamos como base do projeto, o texto “A vida ao rés-do- chão”, um admirável ensaio em que Antonio Candido contempla a crônica como um gênero literário tido como “menor”, mais próximo das pessoas e do seu cotidiano. Para ele, a crônica faria dos pequenos acontecimentos do cotidiano o seu tema narrativo, mostrando ao leitor a beleza das coisas simples.

A escolha do tema veio da necessidade em trabalhar leitura de textos curtos com linguagem mais próxima da oralidade, objetivando melhor compreensão por parte dos leitores. Com este propósito, utilizaremos o gênero crônica, já que ele é tido como um texto leve e de linguagem mais simples para o leitor. Embora simples, a crônica é também reflexão, crítica e atribuição de valor às coisas, ao mundo.

O material utilizado como apoio nas atividades foi o acervo da biblioteca da escola, visto que, mesmo desatualizada, ela ainda era rica para fazer o trabalho.

As atividades serão desenvolvidas através de oficinas. Cada oficina corresponderá a duas aulas, sendo distribuídas da seguinte forma:

1ª Oficina: Reconhecendo a crônica.

- Leremos com a turma, duas crônicas, “O Lixo” e “ Grande Edgar” de Luiz Fernando Veríssimo, com o objetivo de os alunos, a partir da prática de leitura, se familiarizarem com essa espécie literária.

2ª e 3ª Oficina: Fazendo escolhas literárias próprias

- A partir de uma pré-seleção de 20 títulos, os alunos escolherão, entre o acervo da biblioteca, uma crônica do livro que preferirem. Irão lê-la e em seguida, durante a socialização, dirão à turma o título, o autor e em que livro estava a crônica selecionada. Também explicarão por que escolheram esse texto e o que dele entenderam.

4ª Oficina: Sabendo um pouco mais sobre crônica

- Apresentar, através de cópia xerocada, a crônica “Sobre a crônica” de Ivan Ângelo e discutir o porquê de o autor ter escrito este texto; levantar questões que façam os alunos refletirem sobre as seguintes questões:
 - O que seria uma crônica para o autor?
 - O que ele fala a respeito da mobilidade da crônica?
 - Que referência é feita a palavra “máscara” em relação ao gênero crônica no texto?

5ª Oficina: Leitura de crônicas humorísticas.

- Familiarizar o grupo com crônicas consagradas da literatura brasileira, disponibilizadas em livros do acervo da biblioteca: "O homem nu", de Fernando Sabino; "Cobrança" e "Contra a pirataria" de Moacyr Scliar; "O padeiro", de Rubem Braga e "A velha contrabandista", de Stanislaw Ponte Preta. À luz da estética da recepção, considerando o perfil da turma, detectou-se que estas respondiam melhor ao gosto discente.
- Organizar a sala em grupo com 3 ou 4 alunos;
- Distribuir cópias das crônicas selecionadas. Cada grupo lerá uma crônica e um dos alunos será escolhido para ir à frente contar aos outros grupos o que leu. Em seguida, em forma de rodízio, fazer com que as crônicas selecionadas circulem por todos os grupos. Assim, todos os alunos terão o privilégio de conhecer o variado acervo de crônicas humorísticas.
- Ao ler as crônicas, o professor, junto com os alunos, localizará estes textos no livro onde estão dispostos, para que o aluno estabeleça possíveis relações da crônica com a obra integral, bem como se sinta estimulado à leitura do livro como um todo, tendo em vista que a curiosidade do discente pode ter sido despertada.

6ª Oficina: Leia se puder!

- Como forma de descontração e interação da turma, iniciaremos esta aula com a dinâmica: Leia se puder! (Serão entregues aos alunos um pequeno texto para que eles leiam, mas isso será impossível, pois o texto foi propositalmente elaborado para que eles não conseguissem ler. Tentaremos com essa dinâmica mostrar para os discentes a importância de sabermos ler, e que muitas vezes não valorizamos esse saber tão importante)
- Em seguida serão apresentados alguns slides sobre a relevância da arte da escrita e da arte presente na literatura. Em seguida, exibiremos o vídeo “Analfabeto aprende a ler e escrever em três dias”, com o objetivo de motivar a turma, tendo em vista que o filme conta uma bela história de força de vontade e dedicação de um idoso que aprendeu a ler e escrever em três dias e que, por isso, se sente muito feliz, pois, segundo ele, nasceu novamente.

7ª Oficina: Leitura de crônicas críticas e reflexivas.

- Daremos sequência com a leitura das crônicas, só que agora levaremos crônicas com viés mais reflexivo para romper com a expectativa temática e estética formulada com a experiência anterior; as crônicas serão: “Já li isso em algum lugar” de Moacyr Scliar; “O Nariz” e “Aí galera”, de Luís Fernando Veríssimo e “De quem são os meninos de rua”, de Marina Colasanti.
- Após o momento de interação com a leitura, haverá a socialização das temáticas, que giram em torno do amor, da sociedade, do lixo, de estereótipos, dos menores abandonados. Os textos serão lidos e interpretados pelos grupos.
- Faremos a dramatização dos textos lidos, com o objetivo de proporcionar maior entretenimento da turma.

8ª Oficina: Crônica e música.

- Faremos a leitura e discussão das crônicas: "Ela", de Luís Fernando Veríssimo; "Até quando?" e " Heróis será?" de Valéria Vanda Xavier Nunes.
- Ouviremos as músicas "A televisão", do grupo Titãs; "Eu adoro minha televisão", da banda Capital Inicial e "Ditadura da televisão", da banda de reggae Ponto de equilíbrio.
- Objetivamos, com isso, estabelecer uma relação entre as crônicas e as músicas, considerando que elas apresentaram como temática o uso da televisão no contexto social.

9ª Oficina: Produção de crônicas pelos alunos.

- Cada aluno deverá produzir sua crônica a partir de eventos cotidianos que já tenha presenciado ou lido em algum jornal, revista etc.
- **10ª Oficina: Reescrever é preciso.**
- Os alunos terão orientações para fazerem suas reescritas.

11ª Oficina: "Show de contação de Crônicas"

- O evento acontecerá no pátio da escola e será previamente divulgado;
- Será feita uma exposição oral dos textos produzidos pelos alunos;
- Cada um dos alunos terá a oportunidade de apresentar seu texto para toda a escola;

O projeto poderá ser aplicado em turmas de 9º ano ou 1º ano do Ensino Médio. As atividades serão desenvolvidas duas vezes por semana no período das aulas de língua portuguesa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que a biblioteca escolar possa cumprir a sua função de integrar-se ao ensino numa escola, é preciso que o professor se utilize de metodologias

inovadoras, uma vez que caberá a ele estabelecer uma ponte entre a biblioteca, a leitura e os alunos.

Ler é um processo complexo. Não se adquire o hábito de ler, ele é conquistado a cada dia. Sendo assim, é tarefa do professor promover e incentivar a leitura no cotidiano da sala de aula, e fora dela. Primeiramente, cabe ao professor ser leitor e mostrar em suas ações tal habilidade para os alunos, demonstrar o seu contato com os textos e a forma como a literatura modifica a vivência dos indivíduos. Portanto, tornar o ensino e a aprendizagem da literatura uma prática significativa é urgente e necessário, para tanto, temos que repensar seu conceito, seu valor e a sua função social. (COSSON. 2007, p.17)

Para efetivar um trabalho adequado com a literatura na escola, é importante a leitura de crônicas pelos alunos, pois, segundo Ferreira (2009, p.76), “para propiciar o alargamento do horizonte expectativas, faz-se necessário o uso de textos narrativos curtos, que podem ser lidos, analisados e discutidos em grupos em um pequeno espaço de tempo, durante uma atividade previamente elaborada.”

Pudemos perceber também a importância do trabalho da leitura literária e da biblioteca na formação do leitor através do projeto, visto que ele leva em conta algumas recomendações importantes como os apontamentos da estética da recepção, bem como o princípio da centralidade do texto na abordagem escolar da literária. Consistiu-se em um total de onze oficinas, as quais foram planejadas de forma dinâmica e pensadas à luz da estética da recepção. Além disso, tivemos todas as aulas planejadas no âmbito da biblioteca, para dar maior evidência ao uso efetivo deste espaço.

Enfim, existem várias possibilidades de inserir, na escola, atividades de leitura numa concepção mais global de inserção social, formando leitores que não só tenham o desejo de ampliar os saberes e informações proporcionados pela leitura, mas que também tenham prazer no ato de ler.

ABSTRACT

The study aims , firstly , to problematize , in school practices of literary reading, do not use the library , on the other , building proposed for the formation of the reader from pedagogical practices centered on the effective use of this space . It is known that the Brazilian student has little or no contact with literature books . Although , for some Brazilians school means having access to reading, teaching literature has not fully achieved its key objectives: to awaken the love for reading and encourage readers , autonomous subjects and able to make their own choices literary students . This points to the need to redefine the role of literature teaching in the discipline of English language , as well as discussing the lack of access to the collection and use of school libraries by students . On this last discussion , it was necessary to go with the daily life of a public school in the city of Campina Grande , watching over a year and a half the job done with literary reading guided by the teachers in this school . It was evident that there was no incentive to reading by the school, the library , despite having a rich collection functioned as a storehouse of books locked in steel shelving , and only textbooks were within reach of the regulars . Opposed to the practices observed , ended the article with a proposal to work with literary reading, using the library as an indispensable space for encouragement and training of readers .

Keywords : Literary Reader . Teaching Literature . School library .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Método recepcional. In: **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. Formação do leitor. In: **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de língua portuguesa. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério de Educação, 2006. p. 49-85.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Conhecimentos de Língua Portuguesa. In: **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério de Educação, 2000.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. Disponível em: <http://avidaaoresdochao.wordpress.com/versão.integral> . Acesso em: 12 jan. 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

CUNHA, Dóris de Arruda C. da. **A noção de gênero: dificuldade e evidências** . In: *Leitura: teoria e prática*, ano 20, nº 39, out. 2002.

FERREIRA. Eliane A.G. Ribeiro. A leitura dialógica como elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida. In: SOUZA. Renata Junqueira. (org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas-SP: Mercado das letras, 2009. p 69-96

HUGO, Vitor. **Os miseráveis**. Adaptação de Walcir Carrasco. São Paulo: FTD, 2001.

JOUBE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1999.

PINHEIRO, Hélder. A abordagem do poema na prática de ensino: reflexões e propostas. In: MENDES, Soélis T. do Prado e ROMANO, Aparecida B. (orgs.). Práticas de língua e literatura no Ensino Médio: olhares diversos, múltiplas propostas. Campina Grande: Bagagem, 2012. p. 85-116.

PROCÓPIO, E. Observando o acesso à leitura nas bibliotecas escolares. In: MATTES, Marlene e THEOBALD, Pedro (Orgs). **Ensino e cultura contemporânea**. Fortaleza: edições UFC, 2010. p.133-148.

ZILBERMAM, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?**. São Paulo: SENAC, 2001.